

AS LÍNGUAS INDÍGENAS E A IDENTIFICAÇÃO DE MAMÍFEROS DA AMAZÔNIA

Gláucia Vieira CÂNDIDO (UEG-GICLI)*

Lincoln Almir AMARANTE RIBEIRO (UFMG-GICLI)**

RESUMO

Este artigo objetiva demonstrar como o conhecimento sobre línguas indígenas sul-americanas pode auxiliar estudiosos de diversas áreas, como a Linguística, a Antropologia e a Biologia, a identificar animais e plantas da região amazônica boliviana, peruana e brasileira. Como a fauna e a flora dessa região são praticamente as mesmas nos três países, muitas vezes, é possível utilizar essas línguas na interpretação de nomes de animais e plantas não traduzíveis ou de difícil tradução do Português para o Espanhol ou vice-versa. O estudo, inspirado no conhecimento dos autores sobre a língua Shanenawa (Pano), baseia-se em outras três línguas Pano - Kaxinawa, Matsés e Yaminawa -, além do Kulina, da família Arawá, e do Ashaninka, da família Arawák. Excetuando o Shanenawa, todas elas possuem uma característica em comum: são faladas em mais de um país da América do Sul e é isso que permite a identificação de alguns animais mamíferos da Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística; Línguas Indígenas; Mamíferos; Amazônia.

INTRODUÇÃO

O estudo sobre línguas indígenas no Brasil, um país que ainda conta com cerca de 180 línguas desse tipo vivas, é bastante limitado. A explicação para o fato de haver, em relação a outras áreas, poucos estudiosos se dedicando à tarefa de descrever e documentar as línguas dos primeiros habitantes de nosso território ainda não está muito clara, mas evidentemente passa por um certo desconhecimento da pluralidade cultural e linguística existente no país ou por preconceitos seculares contra os aspectos culturais das minorias.

* Doutora em linguística pela UNICAMP e professora da Universidade Estadual de Goiás – UnU CSEH – Anápolis – GO. Pesquisadora do Grupo de Investigação Científica de Línguas Indígenas da UEG.

** Doutor e professor aposentado do Departamento de Física, ICEx da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador do Grupo de Investigação Científica de Línguas Indígenas da UEG.

Assim, já não mais nos surpreendemos, quando em conversas a respeito de nosso trabalho sobre as línguas indígenas (com leigos, principalmente), somos abordados com perguntas do tipo: “por que estudar as línguas dos indígenas se, atualmente, existem tão poucos falantes e estes sequer podem nos transmitir conhecimentos que acrescentem algo à nossa tecnologia já bastante avançada?”. Uma resposta didática para essa questão nem sempre é fácil de formular, mas dentro do possível argumentamos que, do ponto de vista lingüístico, esse estudo é importante porque, em geral, como os sons e as gramáticas das línguas indígenas são muito diferentes daqueles das línguas mais conhecidas por nós (as indo-européias), acabamos apreendendo novos sons, às vezes nunca antes registrados, e reconhecendo outras estruturas gramaticais. Para os lingüistas, em níveis mais avançados de pesquisa, o conhecimento aprofundado de uma língua indígena muitas vezes permite a criação de novas teorias sobre a fonética e a gramática (morfologia e sintaxe) das línguas naturais bem como a perspectiva de atestar ou refutar a existência dos chamados universais lingüísticos. Enfim, muitas são as vantagens e as possibilidades de obtenção e mesmo de produção de conhecimento por meio dos estudos sobre as línguas indígenas brasileiras.¹

No presente artigo, pretendemos reforçar essa conclusão demonstrando que, com um pouco mais de engenho e de investigação, também é possível usar as línguas indígenas em outro propósito bastante útil a determinadas áreas como a Lingüística, a Biologia, a Antropologia, entre outras. Trata-se de sua utilização como um instrumento para auxiliar no esclarecimento de dúvidas sobre a nomenclatura da fauna e da flora em casos específicos como, por exemplo, quando não se verifica correspondência entre as traduções de determinados nomes em uma língua qualquer para outra ou vice-versa. Na América do Sul, onde diversas etnias indígenas habitam áreas de fronteiras entre países que falam línguas distintas (o Português de um lado; o Espanhol, de outro), esse tipo de dúvida costuma ser bastante comum.

Assim, com base em algumas línguas pertencentes a três famílias lingüísticas (Pano, Arawá e Arawák), que são faladas concomitantemente no Brasil, Peru e até mesmo na Bolívia, apresentaremos um pequeno vocabulário de nomes de animais

¹ Para mais detalhes ver Cândido & Amarante Ribeiro (2003), em que apresentamos uma sistematização resumida das línguas indígenas brasileiras e algumas justificativas para o estudo dessas línguas no âmbito da Lingüística Antropológica.

mamíferos² da Floresta Amazônica, cuja tradução de seus nomes do Português para o Espanhol ou deste para o Português costuma ser de difícil realização ou nem sempre é possível.³

1. O material

1.1.Os dados lingüísticos indígenas

A fim de que o leitor possa se situar melhor no contexto que deu origem ao presente trabalho, descreveremos nesta seção de modo sucinto, mas geral, as famílias lingüísticas Pano, Arawá e Arawák com destaque para as línguas que efetivamente colaboraram para a construção do vocabulário de mamíferos da Amazônia.

1.1.1. A família Pano

A família Pano é constituída por línguas faladas por etnias que ocupam juntamente com povos falantes de outras famílias lingüísticas um vasto território (100 milhões de hectares) de forma aproximadamente quadrangular limitado pelos paralelos 3° S e 14° S e pelos meridianos 72° W e 64° W na região da Floresta Amazônica. Seus representantes habitam as áreas adjacentes aos rios Purus, Juruá, Madeira e seus afluentes. São aproximadamente 40.000 pessoas, sendo 30.000 apenas no Peru, cerca de 8.200 no Brasil e 800, na Bolívia.⁴

Quanto às línguas que compõem a família Pano, a literatura menciona 26 vivas, ou seja, aquelas que ainda são faladas por povos localizados no Brasil, Peru e na Bolívia. A distribuição das línguas nos três países é a seguinte: duas na Bolívia (Chácobo e Pakawara); 12 no Brasil (Arara, Katukina, Kaxarari, Korubo, Kulina, Marubo, Matis, Nawa, Nukini, Poyanáwa, Shanenawa e Yawanawa) e nove no Peru

² Neste trabalho, apresentaremos um vocabulário apenas da fauna, especificamente dos mamíferos. Em trabalhos futuros trataremos da flora e outros representantes da fauna.

³ Um vocabulário de nomes de mamíferos da América do Sul em línguas Karib foi apresentado em Simpson (1941). Todavia, o contexto em que foi produzido é diferente do que estamos apresentando aqui, pois no trabalho de Simpson não foi aplicado um método de determinação dos nomes científicos.

⁴ Maiores informações sobre a família lingüística Pano podem ser obtidas em Fabre (2006a).

(Amawaka, Iskonawa, Kapanawa, Kashibo-Kakataibo, Mastanawa, Shipibo-Konibo, Sharanawa, Xitonawa, Yoranawa,). Outras duas (o Kaxinawa e o Matsés) são faladas tanto no Brasil como Peru e uma última, o Yaminawa, é falada concomitantemente nos três países que são habitados por povos Pano.

Dentre as línguas Pano, destacamos o Shanenawa, língua que temos pesquisado nos últimos anos⁵ e que, de certa maneira, motivou-nos a articular o presente trabalho. Essa língua é falada por uma etnia de mesmo nome composta por cerca de 350 pessoas que se encontram distribuídas em quatro comunidades (Paredão, Cardoso, Nova Vida e Morada Nova) na região norte central do Estado do Acre, à margem esquerda do rio Envira, no Município de Feijó.

As outras línguas Pano que contribuíram para com este estudo são o Kaxinawa, o Matsés e o Yaminawa. A primeira, como já dissemos, é uma língua cujos falantes se dividem entre o território peruano e o brasileiro. A população Kaxinawa está estimada em cerca de 5.000 pessoas. No Peru, essa etnia ocupa a parte extremo-oriental do departamento de Ucayali, próximo à fronteira com o Brasil (Província Purus, distrito Purus) a sudoeste de Puerto Esperanza. Mais especificamente, nas seguintes aldeias: Santa Rey, localizada na margem esquerda (norte) do curso médio do Rio Curanja, afluente esquerdo do Purus, até o oeste de Balta; Curanjillo, na margem direita (sul) do rio Curanja, entre a foz deste rio no Alto Purus e o povo Balta; Balta, na margem direita (sul) do rio Curanja e Conta que fica ao sul de Puerto Esperanza, na faixa direita (sul) do rio Purus.

No Brasil, no Estado do Acre, as aldeias Kaxinawa localizam-se nos seguintes municípios: Tarauacá, nas áreas indígenas Colônia Vinte e Sete, Igarapé do Caucho e Kaxinawá do Rio Jordão; Feijó, nas áreas Kaxinawá do Rio Humaitá, Kaxinawá de Nova Olinda e Katukina e Kaxinawá; Manoel Urbano e Sena Madureira, na área Alto Rio Purus; Tarauacá e Cruzeiro do Sul, na área Kaxinawa do Rio Breu.

Quanto aos dados lingüísticos Kaxinawa usados neste estudo, é preciso ressaltar que não houve seleção de uma variante específica da língua, pois consultas a várias fontes não nos revelaram grandes diferenças entre os diversos “falares” Kaxinawá. Assim, para este trabalho, utilizamos os dados fornecidos por Montag (1981).

⁵ Conferir Cândido (1995, 1998, 2004) e Amarante Ribeiro & Cândido (2004, 2005a, 2005b). A propósito, todos os dados shanenawa utilizados no presente artigo foram retirados dessas fontes.

A língua Matsés, cujos falantes se distribuem entre o Brasil e o Peru, conta com uma população de aproximadamente 3.500 pessoas. No Peru, as aldeias indígenas Matsés estão localizadas no sudeste do Departamento de Loreto, no triângulo formado pelos rios Yavarí, Gálvez e Blanco. Vale salientar que se trata dos mesmos índios denominados Matsés ou Mayoruna brasileiros. No Brasil, os Matsés são encontrados no Estado do Amazonas, mais precisamente, às margens do rio Javari e seus afluentes (zona fronteira com a área Mayoruna peruana). As aldeias e suas respectivas localizações são: Lameirão, baixo rio Javari; Lobo, igarapé de mesmo nome; Ituxi, igarapé também de mesmo nome; Marajaí, município de Alvarães.

Finalmente, a língua Yaminawa que, como já frisamos, é falada simultaneamente no Peru, na Bolívia e no Brasil, conta com uma população de mais ou menos 1.250 pessoas. No Peru, as aldeias Yaminawa podem ser encontradas no Departamento de Ucayali, na província Atalaya, na cabeceira do alto Purus. As aldeias e respectivas localidades são as seguintes: Sepahua, no rio Ucayali, distrito de Antonio Raimondi; Sabalo, alto rio Mapuya, afluente direito do Urubamba; Paititi, distrito Tahuania, alto rio Huacapistea, afluente esquerdo do Juruá, ao sul de Puerto Breu.

Na Bolívia, os Yaminawa estão localizados no Departamento de Pando, na província Nicolás Suárez. Suas aldeias localizam-se especificamente às margens do rio Acre, que forma o limite entre a Bolívia e o Brasil, entre Bolpebra (fronteira entre Peru, Bolívia e Brasil) e Cobija, em dois assentamentos: Puerto Yaminahua e Pozón e às margens do rio Tahuamanu, que corre paralelo ao Acre.

No Brasil, os Yaminawa são encontrados no Estado do Acre às margens dos rios Chandless, Bajé, Tajo, Humaitá e na Cabeceira do Rio Acre, Município de Assis Brasil; no Igarapé Preto, no Município de Cruzeiro do Sul; no Mamoadate, Município de Assis Brasil e Sena Madureira e no rio Gregório, Município de Tarauacá.

Em relação à origem dos dados das línguas Yaminawa e Matsés que foram utilizados neste trabalho, para ambos os casos, recorreremos ao exposto em Todd (1975). Como no caso do Kaxinawá, não selecionamos uma variante específica de cada língua por não reconhecermos diferenças entre os vários “falares” Yaminawa e Matsés, respectivamente.

1.1.2. A família Arawá

A pequena família lingüística Arawá é constituída por línguas consideradas formalmente muito semelhantes entre si. Por isso, embora não seja ponto pacífico, cogita-se que essas línguas são, na realidade, um sub-grupo da família Arawák. Essa é, entretanto, uma questão que estudos comparativos mais aprofundados devem resolver brevemente. A família Arawá é composta pelas línguas Banawa-Jafi, Deni, Jarawara, Kanamanti, Paumari, Yamamandi, Zuruahé, Kulina e Arawá, sendo esta última extinta em 1880. Todas elas, exceto o Kulina, são faladas exclusivamente no Estado do Amazonas.⁶

Dentro dos propósitos deste trabalho, destacamos a língua Kulina falada por uma etnia de mesmo nome e que, a exemplo da maioria das outras línguas focalizada neste artigo, também tem falantes além da fronteira brasileira.

A denominação Kulina, segundo a literatura, foi atribuída a esse povo pelos não indígenas, por isso, é terminantemente rejeitada pela etnia que prefere se autodenominar Madija, palavra esta que em sua língua significa ‘povo’, ‘gente’. Assim, considerando a vontade da etnia, optamos por designá-los Madija, porém, em se tratando de sua língua, procedemos tal como consta na maioria das fontes bibliográficas consultadas e a ela nos referiremos sempre como Kulina.

Sua população é da ordem de 2.500 pessoas, as quais vivem em aldeias situadas nas bacias dos rios Juruá e Purus na Amazônia ocidental brasileira e peruana. No Brasil, os Madija/Kulina estão situados em dois Estados, Acre e Amazonas. No primeiro, eles são localizados nos municípios de Manoel Urbano e Sena Madureira, na área indígena Alto do Rio Purus e, ainda, em Feijó, na área Kulina do Alto Envira, no Igarapé do Anjo. No Estado do Amazonas, podem ser encontrados no município de Envira nas áreas Cacau do Tarauacá e Kulina do Rio Acurauá; no Município de Pauini, habitam a área indígena Camadeni; nos Municípios de Itamarati e Tapauá, estão na área indígena Deni; no Município de Juruá, na área indígena de mesmo nome; nos Municípios de Envira, Eurunepé e Ipixuna, na área indígena Kulina do Médio Juruá e, ainda, na área do Médio Jutai, na margem esquerda do rio de mesmo nome, próximo ao igarapé São Francisco; nos Municípios Fonte Boa, Juruá e Carauari, na área indígena do Rio Juruá e, finalmente, alguns Madija/Kulina podem ser encontrados (dispersos entre outras etnias da região) na área indígena Vale do Javari.

⁶ Para outras informações sobre a Família Arawá, consultar Fabre (2006b).

No Peru, os Madija/Kulina se acham distribuídos no departamento de Ucayali, província Purus, distrito de Purus: povos do Zapote (rio acima de Puerto Esperanza e rio abaixo da desembocadura do Curanjá e em São Bernardo, entre Puerto Esperanza e a fronteira com o Brasil.

Atender aos propósitos de nosso estudo, usamos os dados lingüísticos Kulina obtidos por Monserrat & Silva (1984) junto aos falantes do Igarapé do Anjo, no Município de Feijó, local em que encontramos muitos representantes dessa etnia que teriam fugido do Peru na época dos confrontos do Sendero Luminoso com a ditadura do governo Fujimori.

1.1.3. A família Arawák

A família Arawák é bastante extensa, seja em localização geográfica, seja em número de componentes. As línguas dessa família são faladas em uma região que vai da América Central, no Caribe, até as cabeceiras do rio Paraguai, na América do Sul.⁷

Como procedemos nos casos anteriores, dentre as línguas Arawák, destacamos o Asheninka, que é falada concomitantemente nos territórios brasileiro e peruano. O povo Ashaninka é denominado pelos não índios como Kampa, mas como sói ocorrer entre os indígenas, estes não aceitam bem essa denominação, pois a consideram pejorativa. Quanto à língua Ashaninka, muitas vezes esta é confundida na literatura com seus vários dialetos conhecidos como Asheninka. Neste caso, em respeito aos indígenas, optamos por chamar sua língua de Ashaninka. No entanto, neste trabalho utilizamos os dados que, segundo a literatura lingüística não indígena, pertencem à variante Asheninka do Ucayali. É preciso ressaltar que, na realidade, isso não é assunto para este trabalho, mas urge que não deixemos certas confusões sem um esclarecimento, ao qual pretendemos nos dedicar em um trabalho futuro.

⁷ Para maiores detalhes sobre a família Arawák, consultar Fabre (2006c).

No Brasil, a população Ashaninka é de 813 pessoas que ocupam uma área de 341.987 hectares no vale do Rio Juruá, no Estado do Acre, e as quais estão distribuídas em cinco áreas indígenas, sendo três compartilhadas com povos de outras etnias. No município de Feijó, estão localizadas as áreas indígenas Jaminawa do Rio Envira, Kampa e, ainda, os chamados isolados do Rio Envira. No município de Tarauacá, encontramos a área indígena Kampa do Igarapé Primavera e, finalmente, no município de Marechal Thaumaturgo, estão as áreas Kampa do Rio Amônia Kaxinawá-Ashaninka do Rio Breu.

No Peru, há notícias de que existam cinco dialetos falados por etnias Asheninka: o do Rio Pichis, o do rio Apurucayali, o do alto Ucayalie e alto Juruá, o do alto Perene e o do Gran Pajonal. Mais uma vez atendendo aos objetivos deste estudo, a variedade dialetal que nos interessa é a falada na bacia do rio Ucayali, na qual se encontram várias aldeias começando no norte com o Rio Abujao, ao sudeste da cidade de Pucallpa, área compartilhada com outros grupos étnicos como os Piro (também da família Arawák) e os Shipibo, Yaminawa e Amawaca (da família Pano). Os dados Ashaninka aqui referidos foram retirados de Payne (1980).

1.2. Dados dos mamíferos conforme convenções da Biologia

As informações sobre os mamíferos no âmbito da ciência biológica foram obtidas em Infonatura (2006). Tratam-se basicamente dos nomes científicos das espécies animais e ainda registros das datas e nomes dos pesquisadores que primeiramente localizaram e descreveram essas espécies.

2. A metodologia

Como antecipamos nos itens anteriores, o critério usado na seleção das línguas usadas na constituição do vocabulário é essencialmente o fato de quase todas elas, exceto uma⁸, serem faladas por povos que habitam concomitantemente dois ou mais países sul-americanos. Recapitulando, as línguas Pano Kaxinawa e Matsés têm

⁸ O Shanenawa, vale recordar, é a língua indígena com a qual mais tivemos contato nos últimos anos e que, conseqüentemente, inspirou este estudo.

representantes tanto no lado brasileiro como no peruano, já o Yamináwa possui falantes habitando o Brasil, o Peru e também a Bolívia. O Kulina, língua representante da família Arawá, tem falantes habitando o território brasileiro e o peruano, o mesmo ocorrendo com a língua Kampa-Ashaninka da família Arawák.

Como todas essas línguas são faladas na região amazônica e o ambiente ecológico é o mesmo nos três países envolvidos, ocorre que as etnias acabam expostas a uma flora e uma fauna em comum. Neste último caso, os mamíferos, em particular, são praticamente os mesmos nas três nações. Por isso, causa-nos certo estranhamento que, por exemplo, um brasileiro, ao pesquisar línguas indígenas amazônicas, descritas por peruanos ou bolivianos, depare-se com nomes completamente desconhecidos de mamíferos, tais como *sachavaca*, *ronsoco*, *oso hormiguero*, entre outros. Essa questão é mais complexa quando não se é possível encontrar alguns nomes de mamíferos nem mesmo em dicionários Português-Espanhol, inclusive, o mais famoso: o da Academia Royal Espanhola. Contudo, esse tipo de dúvida tem sido muito comum entre os lingüistas, antropólogos e biólogos. Portanto, é nesse âmbito que entra um conhecimento razoável das línguas indígenas faladas na região amazônica, como é o caso dos seis exemplares que estão norteando este estudo, conforme pretendemos mostrar nas próximas seções. Assim, justificada a seleção do material/objeto de trabalho (as línguas), passemos à metodologia adotada na obtenção do *corpus* utilizado em nosso trabalho.

O procedimento de campo consistiu inicialmente na apresentação a um de colaborador, falante da língua Shanenawa, a fotografia de um animal mamífero do qual tínhamos conhecimento do nome científico da espécie. O objetivo era obter de nosso colaborador o nome da espécie em sua língua materna. Isso feito, fizemos um exame dos dados de que dispúnhamos das outras cinco línguas indígenas em busca do equivalente para que, dessa forma, pudéssemos determinar de forma ampla os dados. É preciso ressaltar que devido ao fato de muitas espécies serem próximas umas das outras e apresentarem nas fotografias uma imagem que pudesse causar dúvida sobre qual espécie estava se tratando, alguns casos ainda demonstram imprecisão quanto à espécie. Todavia, pelo menos no que tange ao quesito gênero, estamos certos quanto à sua precisão.

Um último recurso que nos auxiliou nesta empreitada está ligado ao fato de muitos viajantes e exploradores terem usado as línguas Pano para dar nomes aos

mamíferos em suas publicações oficiais. Ao nosso ver, nas publicações produzidas por estudiosos que não são especialistas em mamalogia ou que não viram pessoalmente os animais mamíferos referenciados, é o nome na língua Pano que possui maior chance de ser considerado o correto do que aquele comumente utilizado (europeu ou científico) nas publicações específicas.

2.1. A representação dos dados

Os sistemas fonéticos das línguas indígenas da América do Sul apresentam, em geral, algumas diferenças em relação àqueles utilizados por falantes de línguas indoeuropéias. Além disso, os sons indígenas podem variar muito de uma língua para outra, de modo que uma representação exata da pronúncia de cada língua pode se tornar impossível sem uma longa discussão e o auxílio de um bom número de símbolos tipográficos diferentes.

Neste trabalho, adotamos um alfabeto que contempla os 32 fonemas encontrados nas seis línguas citadas aqui. Os símbolos usados correspondem àqueles propostos pela Associação Internacional de Fonética no seu alfabeto, ou seja, o IPA (*International Phonetic Alphabet*), e com o qual o leitor versado em lingüística já está acostumado. Na Tabela I, a seguir, são dados os símbolos fonéticos e os respectivos grafemas correspondentes:

SÍMBOLO FONÉTICO (IPA)	GRAFEMA		SÍMBOLO FONÉTICO (IPA)	GRAFEMA
a	a		p ^h	pp
b	b		k	qu
k	c		k ^h	qqu
k ^h	cc		r	r
d	d		ts	s
e	e		ts ^h	ss
ɰ	ë		t	t
F	f		t ^h	tt
G	g		u	u
ʔ	h		v	v
i	i		♣	sh
h	j		Σ	x

m	m		j	y
n	n		w	hu
o	o		tz	tz
p	p		ds	ds

Tabela I: Alfabeto fonético usado na representação dos sons das línguas indígenas citadas neste artigo.

Ressalte-se que, levando-se em conta o fato de que a maioria dos dados foi retirada de fontes bibliográficas de origens peruanas, pareceu-nos mais sensato tentar ou pelo menos tentar manter o alfabeto exposto na Tabela I o mais próximo possível daqueles usados nas referidas fontes.

3. O vocabulário de mamíferos da Amazônia

A estruturação do vocabulário Espanhol-Português e as línguas indígenas Shanenawa, Kaxinawa, Matsés, Yaminawa, Kulina e Ashaninka de nomes de animais mamíferos da Amazônia é a seguinte: em ordem alfabética, são dadas as principais ordens de mamíferos da Amazônia. Algumas ordens são constituídas por apenas um animal, outras por vários. A propósito, é importante salientar que o vocabulário não está completo e tampouco tem intenção de o ser no sentido quantitativo de ordens e de animais. A idéia é apenas usar alguns exemplos, certamente, os mais comuns de nomes já detectados por nós ou outros lingüistas em trabalhos de comparação de língua indígenas faladas no Brasil, na Bolívia e no Peru. Trabalhos mais amplos deverão surgir naturalmente na medida que se fizerem necessárias traduções de nomes da fauna e da flora amazônica.

Cada ordem de mamíferos está organizada em quadros organizados em numeração arábica (de 1 a 8) que contemplam na horizontal os animais que dela fazem parte. Os quadros estão estruturados da seguinte forma: na primeira linha, é dada a identificação do animal mamífero, a qual foi feita por meio do nome científico taxionômico da espécie; na segunda linha, conforme convenção da Biologia, aparece o nome do estudioso que primeiramente descreveu a espécie; na terceira e quarta linhas, figuram os nomes populares (vulgares) dos animais, em Espanhol e Português, respectivamente; na quinta linha, o nome do animal na língua Shanenawa e, nas demais

linhas, os nomes que o animal recebe nas outras cinco línguas indígenas, ou seja, Kaxinawa, Matsés, Yaminawa, Kulina e Ashaninka. A seguir, apresentamos os quadros de ordens de mamíferos da Amazônia.

ORDEM: artiodactyla

NOME CIENTÍFICO	<i>Mazana americana</i>	<i>Tayassu pecari</i>	<i>Tayassu taccaju</i>
AUTORIDADE	Linnaeus, 1777	Link, 1795	Linnaeus, 1758
NOME ESPANHOL	venado colorado	huangana	sajino
NOME PORTUGUÊS	veado mateiro	queixada	catitu
SHANENAWA	txashu	yahua	unu
KAXINAWA	txashu	yahua kuin	junu jahua
MATSÉS	senad	shëcten amë	shëcten
YAMINAWA	txashu	fishata	unu
KULINA	bado	hidsama	anobedsu
ASHANINKA	maniro	piratsi	shintori

Quadro 1: Mamíferos da ordem Artiodactyla.

ORDEM: carnivora

NOME CIENTÍFICO	<i>Nasua nasua</i>	<i>Lontra longicaudis</i>	<i>Cerdocyon thous</i>	<i>Leopardus pardalis</i>	<i>Panthera onca</i>
AUTORIDADE	Linnaeus, 1766	Olfers, 1818	Linnaeus, 1758	Linnaeus, 1758	Linnaeus, 1758
NOME ESPANHOL	achuni	nutria	zorro	tigrillo	tigre
NOME PORTUGUÊS	quati	lontra	raposa	jaguaritica	onça
SHANENAWA	xixi	fusi	niikaman		yumain
KAXINAWA	xixi	jene inu	niikaman	maxi inu	inu kënëya
MATSÉS	dësta	bosen		bëdimpi	bëdi
YAMINAWA	xixi	fusi	niipashta		
KULINA	dsotomi	ssabira	dsohuadsohua	cajahui	dsomaji
ASHANINKA	capeshi	parari	otsidziniro	matsontsori	maniti

Quadro 2: Mamíferos da ordem Carnívora.

ORDEM: chiroptera

NOME CIENTÍFICO	Todos os gêneros e espécies
AUTORIDADE	várias

NOME ESPANHOL	murciélago
NOME PORTUGUÊS	morcego
SHANENAWA	kaxi
KAXINAWA	kaxi
MATSÉS	kaxi
YAMINAWA	kaxi
KULINA	kuaisban
ASHANINKA	piiri

Quadro 3: Mamíferos da ordem Chiroptera.

ORDEM: marsupialia

NOME CIENTÍFICO	<i>Didelphis marsupialis</i>
AUTORIDADE	Linnaeus, 1758
NOME ESPANHOL	zarigüeya
NOME PORTUGUÊS	gambá
SHANENAWA	mashu
KAXINAWA	maxu
MATSÉS	txeca
YAMINAWA	mashu
KULINA	dsodo
ASHANINKA	sagaari

Quadro 4: Mamíferos da ordem Marsupialia.

ORDEM: perissodactyla

NOME CIENTÍFICO	<i>Tapirus terrestris</i>
AUTORIDADE	Linnaeus, 1758
NOME ESPANHOL	sachavaca
NOME PORTUGUÊS	anta
SHANENAWA	ahua
KAXINAWA	ahua
MATSÉS	abi
YAMINAWA	ahua
KULINA	quemari
ASHANINKA	shaani

Quadro 5: Mamíferos da ordem Perissodactyla.

ORDEM: primata

NOME CIENTÍFICO	<i>Alouatta seniculus</i>	<i>Ateles chamek</i>	<i>Cebus apella</i>	<i>Lagotrix logothicha</i>	<i>Aptus vociferans</i>	<i>Saimiri sciureus</i>
AUTORIDADE	Linnaeus, 1766	Humboldt, 1812	Linnaeus, 1758	Linnaeus, 1758	Linnaeus, 1758	Linnaeus, 1758
NOME ESPANHOL	mono aullador	mono negro	capuchino	choro	mono nocturno	mono ardilla
NOME PORTUGUÊS	macaco guariba	macaco-aranha	macaco-prego	macaco-barrigudo	macaco-da-noite	macaco-de-cheiro
SHANENAWA	ru	isu	xinu	isu curu	riru	fasa
KAXINAWA	du	isu	xinu	isu kudu	xipi	basa
MATSÉS	achu	bëchun chëshë	txima	poishto	riru	tsama
YAMINAWA	ruu	isu	xinu	isu curu	riru	fasa
KULINA	dsadsio	jomo	dsobiji	huappa	mobi	
ASHANINKA	keniri	shitoni		peari	pitoni	

Quadro 6: Mamíferos da ordem Primata.

ORDEM: rodentia

NOME CIENTÍFICO	<i>Sciurus spadiceus</i>	<i>Hydrochoerus hydrochoeris</i>	<i>Cuniculus paca</i>	<i>Dasyproct a punctata</i>	<i>Coendou prehesilis</i>
AUTORIDADE	Olfers, 1818	Linnaeus, 1766	Linnaeus, 1766	Gray, 1842	Linnaeus, 1758
NOME ESPANHOL	ardilla	ronsoco	majaz	aguti	puercoespín
NOME PORTUGUÊS	esquilo, quatipuru	capivara	paca	cutia	porco-espínho
SHANENAWA	capa	aman	anu	mari	isa
KAXINAWA	capa	amën	anu	mari	isa
MATSÉS	capa	memupait	tambis	sise	
YAMINAWA	capa	amën	adu	mari	isa
KULINA	macahari	jacohuaro	ccamanohui	ssinama	misse
ASHANINKA	meiri	iveto	samani	shavo	kitairiki

Quadro 7: Mamíferos da ordem Rodentia.

ORDEM: XENARTHRA

NOME CIENTÍFICO	<i>Mimecophaga tridactyla</i>	<i>Bradypus tridactylus</i>	<i>Dasyopus novemcinctus</i>
AUTORIDADE	Linnaeus, 1758	Linnaeus, 1758	Linnaeus, 1758
NOME ESPANHOL	oso hormiguero	peresozo de três dedos	carachupa
NOME PORTUGUÊS	tamanduá bandeira	preguiça de três dedos	tatu-galinha
SHANENAWA	shaë	nain	yahuixi
KAXINAWA	xaë	nain	yaix
MATSÉS	shaë	shuinte	tsahues
YAMINAWA	shaë	txoki	kashta
KULINA	jodshua	maira	huaricodse

ASHANINKA	shaani	tootori	etzi
-----------	--------	---------	------

Quadro 8: Mamíferos da ordem Xenarthra.

À guisa de síntese do vocabulário, vejamos três nomes de mamíferos na língua espanhola que particularmente nos interessam por terem sido os primeiros a nos chamar a atenção para as dificuldades em se traduzir alguns nomes de animais comuns na fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia para o Português. São eles: *sachavaca* (ordem Perissodactyla, Quadro 5), *ronsoco* (ordem Rodentia, Quadro 7) e *oso hormiguero* (ordem Xenarthra, Quadro 8). Por não os ter reconhecido na língua espanhola, necessitamos recorrer a dicionários Português-Espanhol ou vice-versa. Contudo, nenhum dos três vocábulos consta nos dicionários, nem mesmo nos mais famosos, como já dissemos anteriormente. Então, como saber seus significados, seus referentes exatos? Para obter algumas respostas, conforme já mencionamos, nosso conhecimento sobre a língua indígena Shanenawa é fundamental. Afinal, apenas sabendo o nome dos mamíferos nessa língua, tivemos condições de também o saber em outras línguas da família Pano, como é o caso do Kaxinawa, haja vista que os nomes dos animais e plantas nas línguas indígenas costumam ser formalmente parecidos. Muitas vezes, encontramos bibliografia lingüística sobre o Kaxinawa escrita em língua espanhola. Nesses textos, comumente, nos deparamos com glosas (traduções da língua indígena para o Espanhol) de nomes de animais para as quais, mesmo com o auxílio dos dicionários, não conseguíamos o significado. Esse foi o caso das palavras *sachavaca*, *ronsoco*, *oso hormiguero*. Todavia, o fato de alguns Kaxinawa viverem no Peru, onde são bilíngües em sua língua materna e em Espanhol, e outros viverem no Brasil, onde são bilíngües em Português e em Kaxinawa, acabou facilitando a tarefa de tradução desses três nomes de mamíferos.

De acordo com o Quadro 5, a palavra *ahua*, em Kaxinawa, significa ‘anta’ tanto para os falantes que vivem do lado brasileiro como para os que vivem do lado peruano. Logo, podemos deduzir que *sachavaca* é o nome dado pelos peruanos à “anta”. O vocábulo espanhol *ronsoco* é outro cujo significado em Português foi obtido por meio da língua Kaxinawa. Retomemos o Quadro 7 em que veremos que, nessa língua indígena, o mamífero ‘capivara’ leva o nome *amën* e esta é a mesma palavra utilizada pelos falantes do Peru e do Brasil. Quando se pergunta a um Kaxinawa do Peru o que significa em Espanhol a palavra *amën*, a resposta é *ronsoco*. Daí deduzirmos que *ronsoco* significa ‘capivara’. Esse processo de dedução se repete com a palavra *oso*

hormiguero, cujo significado em Português, ‘tamanduá’, também pode ser deduzido a partir da língua Kaxinawa, conforme a leitura do Quadro 8.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, demonstramos como é possível utilizar nossos conhecimentos (ainda que parciais) sobre uma ou mais línguas indígenas sul-americanas como uma espécie de intérprete entre o Português e o Espanhol para traduzir os chamados termos regionalistas que designam elementos da fauna e da flora amazônicas.

Limitando-nos à classe dos mamíferos da Amazônia brasileira, peruana e boliviana, mostramos que, como existem etnias indígenas que ocupam a área fronteiriça do Brasil e da Bolívia ou do Brasil e do Peru, é natural que essas etnias sejam formadas por pessoas bilíngües na língua materna e naquela falada no país em que essas pessoas residem. Um exemplo é o do povo Kaxinawá que possui aldeias na fronteira do Peru com o Brasil. No lado peruano, esses índios falam Kaxinawa e Espanhol; no lado brasileiro, Kaxinawa e Português. Devido à proximidade geográfica entre as aldeias do Peru e do Brasil, os falantes Kaxinawa costumam freqüentar reciprocamente as comunidades dos dois países compartilhando, dessa maneira, o mesmo léxico. Ademais, do ponto de vista lingüístico, é praticamente impossível se falar que seus “falares” se transformaram em dialetos.

Isso corrobora a hipótese de que, nos dois lados da fronteira, animais ou plantas, que são comuns aos dois países por estarem em um ambiente ecológico idêntico, sejam referidos por uma mesma palavra na língua indígena. Em geral, contudo, em Espanhol e Português (que ironia: duas línguas indo-européias!) as palavras que designam mamíferos de uma mesma região (no caso, a Amazônia peruana e brasileira) não são as mesmas e, muitas vezes, sequer se assemelham formalmente. Nessas situações, a língua indígena acaba servindo como tradutora para as duas línguas latinas.

Foi usando essa metodologia que determinamos o nome dos principais mamíferos da região amazônica brasileira, peruana e boliviana. Os resultados da aplicação desse método foram sintetizados em forma de um mini-vocabulário composto por oito ordens de mamíferos. Acreditamos, porém, que futuramente esse número de ordens e de espécies pode aumentar não apenas no caso dos mamíferos, mas também de outros animais como aves, peixes, répteis, entre outros, além de plantas de diversas espécies, o que resultaria em um vocabulário completo da fauna e da flora da região amazônica.

Nesse sentido, acreditamos poder contribuir para com as pesquisas não apenas de lingüistas que, às vezes, se encontram em dificuldades para identificar animais e plantas da Amazônia no Brasil, no Peru e na Bolívia, mas também de estudiosos de outras áreas como a Antropologia e a Biologia.

ABSTRACT

CÂNDIDO, Gláucia Vieira; RIBEIRO, Lincoln Almir Amarante. Brazilian native languages and Amazonian mammals identification. *Temporis[Ação]*, Goiás, v. 1, n° 9, Jan/Dez 2007.

This work aims to describe how one South American Native language can help studios of several areas, as Linguistics, Anthropology and Biology, to identify animal and plant species of the Peruvian, Bolivian and Brazilian Amazonia. As the fauna and flora on both sides, Brazil, Peru and Bolivia, are the same, many times it is possible to use this language to discover the name of animals and plants not translatable between Portuguese and Spanish and vice versa. The study which is founded in the knowledge that authors have of Shanenawa language (Pano), are based in other three Pano languages - Kaxinawá, Matsés and Yaminawa, besides Kulina of the Arawá Family and Ashaninka of the Arawak Family. Excepting Shanenawa, all these languages possess a characteristic in common: they are spoken in more than one South American country and is just this characteristics that allows the identification of some mammals of the Amazonia.

Keywords: Anthropological Linguistics; Indigenous Languages; Mammals; Amazonian.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARANTE RIBEIRO, L. A. *Uma nova proposta de reclassificação das línguas da família Pano*. Campinas, 2005. No prelo.
- CÂNDIDO, G. V.; AMARANTE RIBEIRO, L. A. Línguas indígenas brasileiras: por que estudá-las?. *Revista Temporis(Ação)*. Revista da Unidade Universitária Cora Coralina. V. 1, N. 7. Goiás: UEG, 2003.
- _____. *Cartilha Shanenawa*. Rio Branco: Secretaria de Educação/Ministério da Educação, 2004.
- _____. Empréstimos na Língua Shanenawa (Pano). *Revista do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás*. Goiânia, 2005a. No prelo.
- _____. Uma Descrição do Sistema Numérico na Família Pano. *Moara*. Belém, 2005b. No prelo.
- CÂNDIDO, G. V. *Análise Preliminar da Língua Shanenawá (Pano)*. 1995. 90 f. Monografia (Bacharelado em Língua Portuguesa e Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1995.
- _____. *Aspectos fonológicos da língua Shanenawa (Pano)*. 1998. 148 f. Dissertação (Mestrado) Área de concentração: Línguas Indígenas – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- _____. *Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. 2004. 292 f. Tese (Doutorado). Área de concentração: Línguas Indígenas – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- FABRE, A. *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos. PANO-TAKANA*. Disponível em: <<http://butler.c.c.tut.fi/~fabre/BookInternetVersion/Alkusivu.html>>. Acesso em 10 Janeiro de 2006a.
- _____. *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos. ARAWÁ*. Disponível em: <<http://butler.c.c.tut.fi/~fabre/BookInternetVersion/Alkusivu.html>>. Acesso em 10 Janeiro de 2006b.
- _____. *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos. ARAWAK*. Disponível em: <<http://butler.c.c.tut.fi/~fabre/BookInternetVersion/Alkusivu.html>>. Acesso em 10 de Janeiro de 2006c.
- INFONATURA Disponível em: <<http://www.natureserve.org/infonatura/>>. Acesso em 10 de Janeiro de 2006.

MONSERRAT, R. N. S.; SILVA, A. O. *Dicionário Kulina-Português e Português-Kulina*. Rio Branco: CIMI, 1984.

MONTAG, S. *Diccionario Cashinawa*. Tomos I e II. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1981.

PAYNE, D. L. *Diccionario Asheninca-Castellano*. Edição Preliminar. Documento de Trabajo n. 18. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1980.

SIMPSON, G. G. Some Carib Indian mammals names. *American Museum Novitates*. n. 119, The American Museum of Natural History, New York, 1941.

TODD, M. J. Listas Comparativas de Palabras Usuales en Idiomas Vernáculos de la Selva. *Datos Etno-linguísticos*. n. 4. Lima/Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 1975.